



# ESTÁGIOS NOS CURSOS DE LICENCIATURAS:

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS  
E CONTRIBUIÇÕES ÀS  
PRÁTICAS DOCENTES

Luciane Spanhol Bordigon

Luisa Cadorim Facenda

(Organizadoras)



# ESTÁGIOS NOS CURSOS DE LICENCIATURAS:

EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS  
E CONTRIBUIÇÕES ÀS  
PRÁTICAS DOCENTES

Luciane Spanhol Bordigon

Luisa Cadorim Facenda

(Organizadoras)

2020 by Editora Artemis  
Copyright © Editora Artemis  
Copyright do Texto © 2020 Os autores  
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis  
**Edição de Arte:** Bruna Bejarano  
**Revisão:** Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

**Editora Chefe:**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora Executiva:**

Viviane Carvalho Mocellin

**Organizadoras:**

Luciane Spanhol Bordignon

Luisa Cadorim Facenda

**Bibliotecário:**

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Conselho Editorial:**

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Emilas Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Alborno, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo  
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia  
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru  
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E79 Estágios nos cursos de licenciaturas [recurso eletrônico] :  
experiências formativas e contribuições às práticas docentes /  
Organizadoras Luciane Spanhol Bordignon, Luisa Cadormim  
Facenda. – Curitiba, PR: Artemis, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-23-1

DOI 10.37572/EdArt\_231141220

1. Educação – Estudo e ensino (Estágio). 2. Prática de ensino.  
3. Professores – Formação. I. Bordignon, Luciane Spanhol.  
II. Facenda, Luisa Cadormim.

CDD 370.71

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

## APRESENTAÇÃO

“Estágio:

De ver a observar (e pensar);

De observar a colaborar (e pensar);

De colaborar a planejar (e pensar);

De planejar a atuar (e pensar);

De atuar a documentar (e pensar);

De documentar a avaliar (e pensar) ”.

(ZABALZA, 2014)

O Estágio nas Licenciaturas é compreendido, no contexto da educação superior, como parte da formação universitária, experiência de aprendizagem e inserção no campo profissional.

A proposta deste livro parte das experiências desenvolvidas na Área de Prática de Ensino e Estágios, nos Cursos de Licenciatura da Universidade de Passo Fundo – UPF/RS.

Este livro, intitulado **Estágios nos Cursos de Licenciaturas: experiências formativas e contribuições às práticas docentes**, apresenta os seguintes artigos: **Residência Pedagógica: Caminhos Complementares de Formação Docente**, de Luciane Spanhol Bordignon, Sybelle Regina Carvalho Pereira e Marilise Brockstedt Lech; **A Importância das Quatro Habilidades Básicas para o Ensino de Espanhol no Estágio Supervisionado**, de Gisele Benck de Moraes e Thaís Nicolini de Mello; **Uma Proposta de Retextualização: o Desafio de Transposição Teoria-Prática no Estágio de Língua Portuguesa**, de Elisane Regina Cayser, Luciana Maria Crestani e Daniela Ribas Nunes; **Contos Infantis: o Uso da Literatura na Aula de História Medieval**, de Rosane Marcia Neumann e Lauren Cavichioli Quissini; **Da Contextualização à Ação: A Experiência do Estágio Supervisionado como uma Ferramenta de Inserção, Reflexão e Formação do Pedagogo no Campo da Gestão Escolar**, de Isabella Lima e Silva e Géverton João Rockenbach; **O Estágio Supervisionado no Curso de Pedagogia: A Relação Dialógica nos Itinerários de Formação**, de Adriana Bragagnolo e Rosângela Hanel Dias; **O Texto Literário como Dinamizador das Aulas de Língua Inglesa: Uma Experiência de Estágio a Partir do Uso de Readers**, de Daniela De David Araújo e Marlon Remboski de Souza, **Estágio Supervisionado e Extensão Universitária: Uma Prática Possível?**, de Eliara Zavieruka Levinski, Luciane Spanhol Bordignon e Dilene Paixão Mangoni e **Aprendizagem Docente: A atividade de Orientação Formativa no Contexto do Estágio Supervisionado** de Sybelle Regina Carvalho Pereira e Doris Pires Vargas Bolzan.

Cabe dizer, ainda, que esses textos escritos por docentes e acadêmicos são resultado

de intensos trabalhos, estudos e reflexões no campo de estágio, visando à construção e à reconstrução de conhecimentos significativos para todos os envolvidos.

Assim, esperamos que este livro possa contribuir com todos aqueles que se dedicam a ensinar e a aprender. Desejamos boas leituras e reflexões!

Luciane Spanhol Bordignon

Luisa Cadorim Facenda

Primavera de 2020

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: CAMINHOS COMPLEMENTARES DE FORMAÇÃO DOCENTE	
Luciane Spanhol Bordignon	
Sybelle Regina Carvalho Pereira	
Marilise Brockstedt Lech	
<b>DOI10.37572/EdArt_2311412201</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>6</b>
A IMPORTÂNCIA DAS QUATRO HABILIDADES BÁSICAS PARA O ENSINO DE ESPANHOL NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
Gisele Benck de Moraes	
Thaís Nicolini de Mello	
<b>DOI 10.37572/EdArt_2311412202</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>17</b>
UMA PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO: O DESAFIO DE TRANSPOSIÇÃO TEORIA-PRÁTICA NO ESTÁGIO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Elisane Regina Cayser	
Luciana Maria Crestani	
Daniela Ribas Nunes	
<b>DOI10.37572/EdArt_2311412203</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>26</b>
CONTOS INFANTIS: O USO DA LITERATURA NA AULA DE HISTÓRIA MEDIEVAL	
Rosane Marcia Neumann	
Lauren Cavichioli Quissini	
<b>DOI 10.37572/EdArt_2311412204</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>36</b>
DA CONTEXTUALIZAÇÃO À AÇÃO: A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO UMA FERRAMENTA DE INSERÇÃO, REFLEXÃO E FORMAÇÃO DO PEDAGOGO NO CAMPO DA GESTÃO ESCOLAR	
Isabella Lima e Silva	
Géverton João Rockenbach	
<b>DOI 10.37572/EdArt_2311412205</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>44</b>
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE PEDAGOGIA: A RELAÇÃO DIALÓGICA NOS ITINERÁRIOS DE FORMAÇÃO	
Adriana Bragagnolo	
Rosângela Hanel Dias	
<b>DOI 10.37572/EdArt_2311412206</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>55</b>
O TEXTO LITERÁRIO COMO DINAMIZADOR DAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO A PARTIR DO USO DE READERS	
Daniela de David Araújo	
Marlon Remboski de Souza	
<b>DOI 10.37572/EdArt_2311412207</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 65**

ESTÁGIO SUPERVISIONADO E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA PRÁTICA POSSÍVEL?

Eliara Zavieruka Levinski

Luciane Spanhol Bordignon

Dilene Paixão Mangoni

**DOI 10.37572/EdArt\_2311412208**

**CAPÍTULO 9 ..... 73**

APRENDIZAGEM DOCENTE: A ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO FORMATIVA NO CONTEXTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Sybelles Regina Carvalho Pereira

Doris Pires Vargas Bolzan

**DOI 10.37572/EdArt\_2311412209**

**SOBRE AS ORGANIZADORAS ..... 83**



## CONTOS INFANTIS: O USO DA LITERATURA NA AULA DE HISTÓRIA MEDIEVAL

*Data de aceite: 02/11/2020*

### **Rosane Marcia Neumann**

Docente na Universidade de Passo Fundo

<http://lattes.cnpq.br/9670937037390742>

[rosaneneumann@upf.br](mailto:rosaneneumann@upf.br)

### **Lauren Cavichioli Quissini**

Acadêmica do Curso de História

da Universidade de Passo Fundo

<http://lattes.cnpq.br/0067364680704050>

[lauren.qui@hotmail.com](mailto:lauren.qui@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta o relato de experiência do uso do gênero literário contos infantis/contos de fadas no ensino-aprendizagem de História Medieval na Educação Básica, no estágio curricular do Curso de Graduação em História, na disciplina de Estágio Supervisionado em História III. A prática foi desenvolvida em uma turma de 7º Ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede de ensino municipal; e em uma turma de 2º ano do Ensino Médio, em uma escola da rede de ensino estadual, no município

1 A prática de estágio foi planejada no decorrer do 2º Semestre/2018 e aplicada no 1º Semestre/2019, sob a orientação e supervisão dos professores Dra. Rosane M. Neumann e Dr. Alessandro Batistella, respectivamente. Optamos por preservar a identidade das escolas e dos alunos nesse estudo.

de Tapejara/RS.<sup>1</sup> O texto divide-se em duas partes: a primeira contextualiza a temática e o suporte utilizado, e a segunda, o relato de experiência propriamente dito.

## 2 ERA UMA VEZ...

Em um artigo provocativo intitulado “Somos todos da Idade Média”, Hilário Franco Jr. (2008) questiona as dificuldades apontadas pelos professores da Educação Básica ao tratar desse período histórico, tendo em vista a distância temporal em relação ao alunado. Partindo desse ponto, contra-argumenta enumerando os múltiplos objetos, utensílios e hábitos que integram o nosso cotidiano, inventados nesse período histórico, desconstruindo a questão do distanciamento, bem como a ideia de “Idade das Trevas”, consagrada pelos renascentistas, que se autodenominavam como modernos. O autor argumenta que as novas técnicas e tecnologias, saberes e fazeres que afloraram na Idade Moderna tinham suas raízes na sociedade medieval.

A historiografia aponta a Idade Moderna

como um período de transição entre a sociedade medieval e a sociedade moderna contemporânea do pós-Revolução Francesa. Todavia, essa transição assumiu feições e velocidades diversas nas diferentes regiões europeias, conforme as próprias características de cada sociedade, prevalecendo a expansão marítima na Península Ibérica, a arte e cultura na Itália, a Reforma Religiosa na região rural da Alemanha, a ascensão do Estado absolutista moderno na França. Estudar essa transição no que concerne às mentalidades e a cultura popular da sociedade medieval traz ritmos mais diversos ainda, tornando frágeis as delimitações temporais adotadas pela historiografia, somada à escassez de fontes que deem conta desse universo complexo (cf. ANDERSON, 1995; DELUMEAU, 2004; ELIAS, 2011).

Cientes dessa complexidade, como tratar a cultura popular e a história das mentalidades da sociedade medieval em sala de aula, a fim de propiciar uma aprendizagem significativa ao aluno? (ZABALA, 1998). Partindo dessa inquietação, optou-se por trabalhar com literatura no estágio curricular de História, na Educação Básica. Como recorte, foram selecionados os contos/histórias infantis/contos de fadas, como usualmente são denominados, cujas raízes remontam à sociedade camponesa da Idade Média e que permanecem em circulação na sociedade contemporânea.

O planejamento das aulas buscou problematizar a historicidade dos contos infantis e sua circulação, além de enfatizar as rupturas e permanências presentes nas narrativas. Conforme Robert Darnton (2015), os contos narrados oralmente faziam parte do universo camponês e traziam aspectos e temores do seu cotidiano – como a fome e a morte, crianças abandonadas, órfãos e madrastas, bruxas – e destinavam-se a transmitir lições de moral, divertir os adultos e/ou assustar as crianças. Todavia, esses contos eram entendidos, lidos e reproduzidos conforme os seus ouvintes, o contexto histórico, os interesses e o local, implicando retoques e adaptações, bem como a mudança do público-alvo, passando do universo adulto ao infantil, com a própria criação do conceito de infância no século XIX.

As narrativas orais foram recolhidas, registradas e publicadas na Europa no contexto do Renascimento: na Itália, o napolitano Giambattista Basile transcreveu os contos orais no início do século XVII e publicou na antologia *Pentamerone*; no mesmo período, na França, Charles Perrault coletou os contos franceses, publicados sob o título *Contos de Mamã Gansa*; já na Alemanha, no contexto do Romantismo, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm recolheram os contos, no começo do século XIX, e publicaram sua antologia *Kinder- und Hausmarchen*, ou *Contos de Grimm*. O ponto em comum que prevalece nas três antologias é a permanência do mundo medieval, principalmente dos camponeses, e a repetição de vários contos, com algumas variações. Todavia, na publicação francesa, a crueldade e a violência dos contos já foi atenuada, enquanto que, na publicação alemã, foi romantizada (DARTON, 2015; BARBOSA, 2017). Já nos séculos XX e XXI, esses contos foram readaptados e ressignificados, transformando-se em contos infantis/contos

de fadas ou, ainda, em fábulas. Passaram a habitar o universo infantil – “era uma vez...” –, agregando ilustrações, animações, filmes.

Como segundo ponto de interesse do planejamento de estágio, estavam a leitura e o incentivo à leitura. Jaime Pinsky (2012) salienta que a maioria dos professores concorda que “os alunos não leem” ou leem pouco, no entanto, essa constatação não impede que se pergunte sobre os procedimentos adotados pelos professores para que os alunos sejam incentivados a ler. Nota-se, de modo geral, que a literatura, apesar de seu potencial, ainda é pouco utilizada nas aulas de História, o que, em parte, justifica-se pela carência de livros nas escolas, mas, principalmente, pela ausência da prática leitora entre os próprios professores, que desconhecem os clássicos da literatura e, no seu afazer cotidiano de “dar aula”, não têm espaço de tempo nem incentivo à leitura de literatura.

O ensino de História no Brasil, na sua trajetória, ocupou no currículo escolar a função de doutrinação, construção da nacionalidade e disciplina. Com a redemocratização, no final da década de 1980,

pouca gente sabe o que fazer a partir daí, pois isso não cabe em esquemas programáticos que tendam à homogeneização e à orientação rigorosa: mostra-se o valor dos voos, mas o professor continua sobrecarregado com as pedras de sua formação e com aquelas que a misérrima sobrevivência foi acrescentando, e se conseguir sair do chão será por pouco tempo. Perdeu o gosto da liberdade, assim como acontece aos pássaros engaiolados há muito tempo e aos animais domesticados, que dificilmente vão longe de quem os pôs ou manteve na prisão. Isso também pode explicar a posição submissa de tantos professores, ansiosos pela chegada dos profetas do *novo* ensino, que vão dizer a eles o que e como ensinar nas aulas de História. Enquanto isso, a questão de fundo permanece sendo o *para que, por que e para quem* esse ensino pode ter algum tipo de serventia (PINSKY, 2012, p. 47-48).

Portanto, no decorrer do estágio, buscou-se a participação ativa do aluno nas aulas de História, estabelecendo correlações entre o seu universo, seus saberes e o mundo medieval, na busca de pontos de contato/afastamento, mediados pela literatura.

## 2.1 Contos infantis no Ensino Fundamental: a prática

A proposta de estágio supervisionado em História foi aplicada em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede de ensino municipal, no espaço urbano de Tapejara. A turma, composta por 26 estudantes, tinha um perfil próprio, marcado pela dispersão, em função de conversas paralelas e agitação. O desafio maior na realização da prática de estágio foi manter a turma focada nas atividades.

O projeto de estágio foi organizado em duas unidades temáticas. A primeira, intitulada “Sociedade na Idade Média”, com oito períodos de aula, tratou do processo histórico de formação da sociedade feudal, nos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais, salientando o papel e controle exercido pela Igreja Católica, especialmente na perseguição aos hereges e “bruxas”, via inquisição. No decorrer dessa unidade, buscou-se tratar dos conceitos-chave para entender a sociedade feudal, bem como conhecer sua estrutura de produção e relações de trabalho, para em seguida partir para o estudo das mentalidades.

A segunda unidade temática, desenvolvida em quatro períodos de aula, intitulada “A Cultura na Idade Média: os contos infantis”, foi centrada nos contos infantis, cujas raízes históricas remontam a esse período histórico. Nessa lógica, na primeira aula, trabalhou-se a origem dos contos infantis: a circulação dos contos na cultura oral da Idade Média, em uma sociedade predominantemente analfabeta; a conceituação de conto e sua funcionalidade na sociedade da época e hoje; a origem e difusão dos contos/histórias infantis ou contos de fadas nas sociedades medievais e sua (re)atualização nas sociedades contemporâneas; os contos como um reflexo do cotidiano vivenciado pelos sujeitos dessas sociedades; a história oral como uma modalidade e fonte de pesquisa aos historiadores, especialmente no estudo da cultura popular; chamou-se atenção à romantização das histórias dos contos no decorrer dos séculos, até chegar aos nossos contos de fadas, apontando permanências, rupturas, simultaneidades; e por fim, estabeleceram-se correlações entre o conhecimento prévio dos alunos e a cultura medieval presente nos contos de fadas, em circulação na literatura, cinema, jogos, produtos, entre outros, na atualidade.

No desenvolvimento da prática, primeiramente, os alunos foram provocados com a seguinte questão: “você já se perguntaram de onde vieram os contos de fadas que você lê desde pequenos?” Nesse quesito, as respostas foram diversas. Alguns alunos disseram que uma pessoa um dia criou todos os contos e colocou-os em um livro; outros responderam que foram sendo criados por pessoas que contavam histórias, porém a maioria da turma nem desconfiava sobre suas origens. A partir das respostas dos alunos, houve a contextualização oral do surgimento desses contos, de sua circulação na Idade Média via memória oral e de seu registro escrito no período de transição para a sociedade contemporânea, suas adaptações até chegar ao formato que conhecemos hoje. Paralelamente, foi elaborado um material didático impresso sobre a temática, disponibilizado aos estudantes. Visto que a atividade estava sendo realizada com uma turma de 7º ano, considerou-se que um resumo didático contendo todas as explicações que estavam sendo dadas era válido e, por isso, foi entregue a eles.

Dando sequência à discussão, foram selecionados dois contos em formato audiovisual, obtidos do *Youtube*, sendo eles João e Maria (1987) e Branca de Neve (1937)<sup>2</sup>. A metodologia de trabalho adotada foi a leitura e análise de recortes dos vídeos, instigando a curiosidade dos estudantes para assistir a todo o vídeo em seu domicílio. Trabalhar com fragmentos de vídeos ainda causa um estranhamento entre os estudantes, que têm dificuldade de entender a leitura de um texto em movimento – a película – como passível de interrupção e leitura de fragmentos, do mesmo modo que um livro impresso.

Por esse ângulo, no caso do conto/filme João e Maria, o recorte girou em torno do mundo camponês e da pobreza, fruto da exploração da nobreza sobre os servos

---

2 A história foi adaptada por Dorothy Ann Blank, Richard Creedon, Merrill De Maris, Otto Englander, Earl Hurd, Dick Rickard, Ted Sears e Webb Smith. David Hand foi o diretor supervisor, enquanto William Cottrell, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce e Ben Sharpsteen dirigiram sequências individuais do filme. Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=pV3ISzuKU8w&t=3s>

e camponeses livres. Nesse contexto, foi discutido, com a participação dos alunos, o contexto socioeconômico dessa sociedade, marcada pelo abandono das crianças na floresta, em virtude da fome. Nesse quesito, houve a aproximação com a sociedade atual, a fome, a pobreza, crianças abandonadas e todas as implicações decorrentes, debatendo os diferentes contextos históricos.

O segundo conto/filme, Branca de Neve, foi selecionado na perspectiva de mostrar aos alunos a relação entre a madrasta/rainha má e sua enteada Branca de Neve, para a qual foram designados todos os afazeres domésticos, contrastando com sua beleza pura e jovial, confirmada pelo espelho e que incomodava a madrasta. A interpretação desse conto partiu dos conhecimentos prévios dos alunos, tendo em vista que todos conheciam a história. Para além do conto, foram assinaladas as marcas medievais presentes na narrativa e a permanência na contemporaneidade: órfãos/madrastas, comuns em uma sociedade em que a mortalidade da mulher era precoce e maior em relação à do homem; maçã envenenada/pecado original de Eva; príncipe/princesas/bruxa; beleza/ausência de beleza e os estereótipos em diferentes épocas; exploração do trabalho da mulher/trabalho infantil, trazendo discussão ao contexto dos alunos.

Foi ressaltado, em ambos os contos, a resolução mágica do problema, quando ameaçados de morte – uma casa de chocolates, no primeiro, e um beijo do príncipe encantado, no segundo. Também os agentes diretos da ameaça, respectivamente os pais e a madrasta, cujo ato foi transferido para o campo do sobrenatural e condenado na sociedade medieval, ou seja, a bruxa, isentando-os da culpa/ato final. Relativo à Branca de Neve, foi sublinhado que a narrativa do conto, em circulação em diferentes regiões da Europa medieval, tinha variações e, mesmo ao ser transcrito, foi sofrendo adaptações. Originalmente, no período medieval, esse conto era considerado horripilante, pois não era a madrasta quem queria se livrar de Branca de Neve, mas a própria mãe, que desejava o coração da jovem e seus órgãos internos para comer ao jantar.

Por fim, como atividade para encerrar a discussão, os estudantes foram desafiados a produzir um conto, refletindo a sociedade do seu cotidiano no presente. Como resultado, de forma muito criativa, construíram histórias a partir de ações, sentimentos e acontecimentos observados em seus cotidianos. Não cabe aqui citar todos os contos produzidos, mas ressaltar alguns, como “A Preta de carvão”, que, inspirado na história da Branca de Neve, conta que a rainha má não admitia que outra pessoa fosse mais negra do que ela, mandando que o caçador arrancasse a pele de Preta, como prova de sua morte. Outra história, “O gatinho cor de rosa”, retrata o julgamento das aparências, pois uma gata havia parido 10 gatinhos e entre estes um era cor-de-rosa, por isso era discriminado por sua mãe e acabou encontrando uma dona que o aceitou do jeito que era. Ainda, entre os contos mais criativos, destacou-se um sobre “O machismo”, em que se vislumbrou retratar a violência contra o gênero feminino nos dias de hoje, a partir de uma mulher que era maltratada por seu marido.

## 2.2 A prática no Ensino Médio

A mesma proposta, com as devidas adequações, foi executada com uma turma de 2º ano do Ensino Médio da rede estadual de ensino, contando com 26 alunos. O perfil da turma era de pouca interação entre si e com o professor, permanecendo a maior parte do tempo em silêncio.

A proposta de aula com os contos foi pensada para trabalhar sob outros vieses. O estágio, realizado em oito períodos de aula, foi estruturado a partir de uma única unidade temática, intitulada “A Sociedade e a Cultura na Idade Média”. Desses períodos, dois foram reservados aos contos. Inicialmente, foi abordada a estrutura da sociedade feudal e suas implicações no modo das relações de vassalagem e dependência e o contexto da Igreja Católica, juntamente com as práticas desenvolvidas pela inquisição. Para significar esse conhecimento a partir do cotidiano dos estudantes, pensou-se em proporcionar-lhes uma aula que os fizesse refletir sobre histórias infanto-juvenis que em algum momento de suas vidas possivelmente já escutaram, trazendo à tona um contexto medieval complexo e importante para entender determinadas permanências em nosso cotidiano.

Nas discussões propostas, buscou-se enfatizar a importância da memória oral na circulação e preservação dos contos da Idade Média, comparando-a aos dias atuais; bem como compreender os elementos dos contos que permitem estudar a cultura e a mentalidade do medievo e perceber as permanências na literatura e no cinema.

O planejamento e a prática buscaram contemplar as demandas de uma turma de adolescentes, considerando que assistir a vídeos de contos infantis talvez não soasse de forma tão positiva. Nesse sentido, a partir da historiografia já referida, foi elaborado um texto didático, que pautou a discussão, tratando da historicidade dos contos, de sua transmissão e (re)atualização via oralidade, além de assinalar aspectos da sociedade, mentalidades e cotidiano da sociedade medieval, apontando permanências e rupturas. O material foi trabalhado por meio de slides.

No decorrer da discussão, buscou-se identificar a presença desses contos/contos infantis/contos de fada na literatura infanto-juvenil, cinema e brinquedos consumidos pelos estudantes. Procurou-se demonstrar que o universo comum aos adolescentes, povoado por príncipes e princesas, assombrado por bruxas, ogros, mágicos e magia, remonta ao imaginário medieval, reproduzindo aspectos dessa sociedade.

Apresentado o contexto, foi realizado um levantamento com os alunos sobre os contos que conheciam, ao apresentar desenhos e capas dos livros, como: Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, O Barba Azul e O Pequeno Polegar. Perceberam-se como conhecidos por todos os alunos João e Maria, Chapeuzinho Vermelho e Branca de Neve. Já, entre os desconhecidos, os quais foi preciso narrar, ficaram O Barba Azul e o Pequeno Polegar. O curioso entre os dois últimos é de que nenhum dos alunos se recordava das histórias ou, até mesmo, nunca tinham ouvido falar delas.



Figura 1 - Contos trabalhados no Ensino Médio

Fonte: Arquivo pessoal da estagiária

Em seguida, foi analisada a lição de moral presente nos contos: o engraçado, o sinistro e o terror, articulando com o imaginário e a estrutura da sociedade medieval. Na discussão, foi evidenciada a desigualdade da sociedade feudal, como as discrepâncias entre o nobre e o servo; a condição da mulher simples ou além de seu tempo, associada à imagem da mulher/bruxa, que sai da casa de seu pai e casa-se com um homem, a quem deve obedecer, como no conto O Barba Azul. Foram discutidas questões como a fome, as epidemias e o abandono de menores na floresta, como retratados em João e Maria e em O Pequeno Polegar.

Partindo da zona de conforto dos alunos, do minimamente conhecido, os alunos foram provocados a pensar sobre a resignificação dos contos no decorrer dos séculos, nas diferentes sociedades. A abordagem avançou aqui para readaptação dos contos para a linguagem e a tela dos cinemas, quando são submetidos a releituras e atualizações significativas, como Cinderela (2015), João e Maria: caçadores de bruxas (2013), Malévola (2014). Em outro patamar, e nem sempre percebido pelos alunos, estão Harry Potter (2001), Sempre Bruxa (2019- nova série lançada na Netflix). Para além desses, apresentou-se Shrek (2001), que retrata a paixão de um ogro e uma princesa, a qual está destinada a casar-se com um príncipe encantado e viver no reino de “Tão Tão Distante”, conforme desejavam seus pais, porém o que ocorre é o inverso; ela rejeita seu destino e decide morar no pântano com seu amado ogro, tornando-se uma ogra. Foi mencionada também a série Detetives do Prédio Azul (2012), em que existe, por parte da bruxa Leocádia, a investigação de mistérios que ocorrem no prédio; e o filme Senhor dos Anéis (2001), constituindo-se num mundo baseado na Europa Medieval, chamado de Terra Média, habitado por humanos e outras diversas criaturas mitológicas e fantásticas, como elfos, ogros, feiticeiros, anões, *hobbits*, entre outros. Toda a história gira em torno do “Anel do Poder” e o conflito que percorre essa terra onde todas as raças de seres desejam possuir esta poderosa e duvidosa relíquia. Dentre esses últimos citados, os alunos ficaram surpresos com as referências à Idade Média, pois, sozinhos, não haviam percebido a resignificação e manutenção de aspectos medievais.



Figura 2 – Filmes trabalhados com o Ensino Médio

Fonte: Arquivo pessoal da estagiária

Paralelo ao cinema, foram explorados livros da literatura contemporânea, presentes no universo dos estudantes, atravessados pelo universo medieval, como por exemplo: A Maldição do Titã (2007), de Rick Riordan; O Ladrão de Raios (2005), também de Rick Riordan; Os Contos de Beedle, O Bardo (2008), de J.K. Rowling; e Fallen (2009), de Lauren Kate. No geral, esses livros tratam de um mundo permeado pela magia, disputado por anjos, demônios e deuses. O mundo humano não se desvincula do mitológico, evocando as raízes de um mundo medieval.



Figura 3 – Literatura contemporânea

Fonte: arquivo pessoal da estagiária

Por fim, trabalhou-se com as permanências e rupturas advindas do imaginário medieval, discutindo de que forma ocorreram essas ressignificações e por quê. No geral, os alunos não tinham a percepção da ressignificação dos filmes/livros atuais com relação aos contos originais, fazendo-se pressupor que, para eles, eram algo distante do contexto medieval e também da contemporaneidade. Discutiui-se a partir disso que, para os contos não se perderem ao longo do tempo, eles foram replanejados sem a perda de sua essência originária, fazendo com que se perpetuassem às novas gerações.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a prática de estágio, ao propor como desafio a articulação entre História e Literatura para estudar o feudalismo/Idade Média, a mentalidade medieval e identificar permanências na nossa sociedade, buscou extrapolar o comum das aulas de História. A inquietação inicial e o propósito que perpassou todo o estágio foram no sentido de aproximar o estudante desse contexto e sociedade, salientando o processo histórico, e apontar a presença de elementos medievais no nosso cotidiano.

Nessa perspectiva, houve a preocupação em apresentar os contos em diferentes formatos e linguagens, além das releituras e adaptações mais recentes. Percebeu-se que no decorrer do processo de ensino-aprendizagem houve um avanço positivo no que tange, principalmente, ao despertar o interesse dos alunos pela temática e, conseqüentemente, pela aula de História. A inserção de narrativas advindas da Literatura no ensino de História contribuiu para desconstruir um estereótipo de “Idade Média”, moldado pela grande maioria dos alunos da turma do Ensino Médio, de que essa época era somente marcada por castelos e guerras. O estudo da cultura oral da Idade Média trouxe à tona os contos/contos infantis, como fonte de pesquisa para adentrar e compreender o contexto medieval, além de suas ressignificações e atualizações. Os alunos ficaram instigados e fascinados, pois os contos sempre estiveram presentes no cotidiano deles, desde a infância, e agora estavam servindo como suporte ao estudo da História Medieval.

Nessa lógica, não foram diferentes os resultados obtidos com o Ensino Fundamental. Presentes na vida diária dos estudantes, mais na de uns, menos na de outros, os contos encantaram os alunos com o estudo realizado a partir deles. Livres para analisar as histórias e refletir sobre os aspectos que permeiam seus contextos, mediados pela problematização proposta em sala pela professora estagiária, instigando-os a pensar sobre, muitas questões surgiam, como: “é verdade, isso aconteceu mesmo? A fome era sempre a mesma em todos os lugares? Por que as histórias mudaram tanto?” Com essas indagações, a habilidade criativa dos alunos foi elevada, sobretudo no que concerne à compreensão do que significavam os contos no período medieval, ou seja, um retrato da própria realidade vivida. Assim, captando essa ideia, os alunos obtiveram o estímulo para criarem seus próprios contos com base em suas próprias realidades.

Em suma, é imprescindível destacar que “o estudo da História, em toda a sua complexidade, supõe o uso dos mais altos níveis de pensamento abstrato e formal” (PRATS, 2006, p. 201) e é a partir daí que o professor como um ser social ativo, mesmo que diante de múltiplas dificuldades profissionais, deve buscar formas alternativas de ensino com o intuito de facilitar e promover prazer durante o processo de ensino-aprendizagem de seus alunos, já que a abstração se coloca como fator primordial para tal estudo. Assim, o uso da literatura vem a calhar no auxílio da conscientização histórica, contestando a ideia mais difundida sobre a disciplina de que “se trata de uma matéria que não precisa

ser compreendida, mas sim memorizada” (PRATS, 2006, p. 203).

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BARBOSA, David Sales. Contos medievais e “modernos”: das reuniões em torno das lareiras aos contos de fadas. *Humanidades em Diálogo*, 8, 2017, p. 79-91. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2017.140539>. Acesso em 10 ago. 2018.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

DELUMEAU, Jean. *A civilização do renascimento*. Lisboa: Edições 70, 2004.

ELIAS, Norbert; RIBEIRO, Renato Janine (Rev.). *O processo civilizador*. volume 1, Uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2011.

FRANCO JR., Hilário. *O Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FRANCO JR., Hilário. Somos todos da Idade Média. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 30, p. 58-61, 2008.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PINSKY, Jaime (Org.). *O ensino de História e a criação do fato*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PRATS, Joaquín. *Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos*. Curitiba: UFPR, 2006.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## SOBRE AS ORGANIZADORAS

**LUCIANE SPANHOL BORDIGNON** - Possui graduação em Ciências Licenciatura Curta Duração pela Universidade de Passo Fundo (1987), Graduação em Licenciatura Plena Habilitação em Matemática pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (1992), Mestrado em Educação pela Universidade de Passo Fundo (2008) , Doutorado Sanduiche no Instituto de Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa (2011), Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014) e Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico (PPGDS) da UNESCO. Professora aposentada do Magistério Estadual do Rio Grande do Sul e docente na Universidade de Passo Fundo. Membro do Grupo de Estudos sobre Universidade da Universidade de Passo Fundo - GEU/UPF e do Grupo de Pesquisa e Extensão em Políticas e Gestão da Educação da Universidade de Passo Fundo - GPEPGE/UPF, atuando principalmente nos seguintes temas: educação básica e superior, políticas e gestão da educação, gestão democrática.

**LUIZA CADORIM FACENDA** - Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo (2006), Mestrado em Educação pela Universidade de Passo Fundo (2009) e Especialização em Gestão Escolar pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Atualmente é Professora da Faculdade de Educação, na Universidade de Passo Fundo, coordenadora adjunta do Curso de Pedagogia da UPF Campus Lagoa Vermelha e coordenadora da Assessoria de Estágios Obrigatórios na Vice-reitoria de graduação da UPF. Atua como professora no Ensino Fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Teresinha no município de Sananduva, RS . Tem experiência na área de Educação em: formação continuada de professores, políticas e gestão da educação, estágios nas licenciaturas, docência no ensino superior. Os temas que pesquisa são: formação de professores, práticas pedagógicas na educação básica, políticas educacionais, Gestão Escolar e Ensino/aprendizagem.



**EDITORIA  
ARTEMIS  
2020**